



UNIVERSIDADE
CANDIDO
MENDES

GABARITO

Nome: _____

DIURNO

Curso: _____

Matrícula: _____ Período: _____

PROVA TIPO 1

Sala: _____

LIVRO: O INFERNO SOMOS NÓS (Leandro Karnal e Monja Coen)

ATENÇÃO!!!! MARQUE O TIPO DE PROVA NO CARTÃO!!!!

1. Os autores defendem que a prática do não medo é a base para uma cultura de paz ou, em outras palavras, é o caminho contrário a uma cultura de violência. Sobre essa relação, leia as assertivas abaixo:

I - Segundo Karnal, nosso sistema escolar, de modelo prussiano, prepara o cidadão de dois tipos: o trabalhador de fábrica e o cidadão-soldado. Sendo assim, a escola é local de adestramento.

II - Para Coen, há uma grande dificuldade em, tendo em vista as mudanças contemporâneas no conceito de família e nas posições dentro de empresas e escolas, viver o não medo numa sociedade violenta e agressiva.

III - Coen e Karnal concordam que há uma relação entre disciplina, rigor e liberdade. Coen acredita que, ao contrário do que o senso comum nos induz a imaginar, adisciplina pode ser libertadora.

IV - Na visão de Karnal, a tradição ocidental está pautada, em linhas gerais, na disciplina do corpo, inclusive da percepção. Sendo assim, não seria difícil, em nossa cultura, uma disciplina libertadora.

V - Segundo o livro, no zen-budismo, as práticas permitem o relaxamento por meio do qual o ego se alinha ao corpo.

Estão CORRETAS as assertivas:

a) II, apenas.

b) I e II.

c) I, II e III.

d) I, III e IV.

e) I, II e V.

GABARITO: C. As assertivas I, II e III são corretas. A primeira (quanto ao nosso sistema escolar) é explicada por Karnal na página 24. A segunda (quanto à dificuldade da vivência do não medo) é argumentada por Coen entre as páginas 24 e 26. A relação entre disciplina, rigor e liberdade (assertiva III) encontra-se explanada por ambos os autores entre as páginas 26 e 28. A assertiva IV está errada: quando Karnal argumenta sobre a disciplina do corpo, ele se refere à “grande parte da tradição oriental” (p. 27) e não à nossa tradição ocidental, além do fato de que, na cultura ocidental, a noção de liberdade ser bastante diferente, o que torna a ideia de uma “disciplina libertadora” algo difícil. A assertiva V é incorreta, uma vez que as práticas do zen-budismo não são feitas para relaxar (a Monja explica isso entre as páginas 30 e 35), são feitas para incomodar, para sair da área de conforto físico e mental.

2. No diálogo entre o historiador e a monja, temas como cultura, violência, coerção e tolerância são discutidos. De acordo com os autores, NÃO É VIÁVEL afirmar que:

- a) Multas e policiamento são desnecessários na sociedade que temos;
- b) Se nós precisamos de coerção, é porque não somos éticos;
- c) Não precisamos todos concordar sobre tudo o tempo todo;
- d) A cultura de paz pressupõe limites e implica regras;
- e) Tudo o que nos aparece e nos confronta é um aspecto de nós mesmos.

GABARITO: A. A questão envolve o capítulo “Coerção e consenso”. Karnal abre o referido capítulo afirmando que “em uma sociedade complexa, precisamos ter [...] polícia, multa, alguém que faça o trabalho de coerção, com o senso de garantir cultura de paz, educação, boas escolas, educação familiar e assim por diante” (p. 89). É viável afirmar todas as outras assertivas, inclusive porque se encontram textualmente no livro: B – p. 89, C – p. 91, D – 92 e E – p. 96.

3. Leandro Karnal, na obra em estudo, diz se considerar um otimista melancólico, pois acredita que demos passos decisivos em direção a uma cultura de paz, a partir de documentos fundamentais como:

- a) o Conselho Parlamentar pela Cultura da Paz, de 2002.
- b) o Programa do Século XXI pela Paz e Justiça, aprovado pela Conferência do Apelo de Haia pela Paz em maio de 1999.
- c) a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, e a Constituição brasileira, de 1988.
- d) a Constituição brasileira, de 1988, e o Conselho Parlamentar pela Cultura da Paz, de 2002.
- e) a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948, e o Conselho Parlamentar pela Cultura da Paz, de 2002.

GABARITO: C. No capítulo “Cultura de paz na prática”, Karnal considera: “[...] Nós temos documentos fundamentais, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948. Nós temos uma Constituição que, nos seus artigos iniciais, estabelece a dignidade da pessoa humana, a democracia, a renúncia à guerra como instrumentos de litígio” (p. 58). O Conselho Parlamentar pela Cultura da Paz foi citado por Monja Coen, que participou da iniciativa logo após os ataques de 11 de setembro de 2001, nos EUA. O objetivo do grupo “[...] era o de verificar se as leis que estavam sendo propostas iriam contribuir para a construção de uma cultura de não violência ativa” (p. 63).

4. “Desenvolvemos uma sensibilidade pública expressa nos jornais, na televisão, nas rádios e nas redes sociais em que a violência contra crianças e idosos, o espancamento de mulheres, o racismo, o assédio sexual são condenados. Mas, curiosamente, parece que nunca batemos tanto em idosos, nunca assediamos tanto as mulheres e nunca tivemos tantas explosões de racismo. Como historiador, sempre considerei que a transformação humana é muito lenta. Há menos de 150 anos, a escravidão era legal.” (Leandro Karnal).

Para uma boa interpretação de texto, é necessária a identificação dos discursos, do contexto e dos argumentos. Nesse sentido, pode-se afirmar que a alegação em destaque é constituída, respectivamente, de:

- a) fato histórico da vida do autor e o contexto histórico no qual o fato se deu;
- b) opinião do autor e fato que serviu como argumento;
- c) fato sobre a realidade humana e opinião do autor;
- d) tese defendida pelo autor e opinião subjetiva;
- e) opinião do autor e opinião generalizada.

GABARITO: B. O trecho utilizado pela questão expõe primeiro uma opinião, um ponto de vista que pode ser refutado, depois um fato histórico – “Há menos de 150 anos, a escravidão era legal”, que serviu como argumento para a alegação feita pelo autor.

5. O medo é um tema muito debatido no livro, uma vez que “está na base de quase todos os grandes preconceitos e ódios que cultivamos”. Para os autores, ele pode estar na origem da violência porque:

- a) alguém com medo é alguém que não aceita autoridade.
- b) ele faz parte de um processo de estar presente no que está acontecendo e vivenciar a realidade.
- c) por conta dele, não nos deixamos aprisionar.
- d) estamos em um processo de transformação.
- e) ele é a melhor forma de controlar as pessoas.

GABARITO: E. Durante o livro, os autores defendem a relação entre medo, controle, aprisionamento e cultura de ódio, enquanto a cultura de paz estaria relacionada à liberdade e cooperação.

6. Leia a seguinte reflexão:

“A solidão contemporânea está ligada à necessidade de expor, frequentemente, a própria liberdade, argumento ou história, e à recusa em ouvir a liberdade do outro, repugnando-a, ignorando-a, menosprezando-a. Se o meu ‘eu’ me faz visível, não há porque ter interesse no que o outro diz. Vivemos nos tempos em que conversas parecem mais com monólogos. Minha liberdade se sobrepõe e aniquila a liberdade do outro. Em uma grande contradição, confinamos nossa solidão em nossa própria ‘liberdade’. Talvez não sejam os outros o inferno, mas nós mesmos.”

SOARES, Pedro Henrique Farina. **O inferno somos nós**. jul. 2016. Disponível em:
<<http://www.justificando.com/2016/07/27/o-inferno-somos-nos/>>.
Acesso em: 25 abr. 2019.

Considerando a reflexão acima e as discussões em torno da obra de Karnal e Coen (2018), discuta o significado de liberdade na visão dos autores. Trechos do livro podem ser usados para auxiliar na construção de sua resposta.

GABARITO: A liberdade é um dos grandes desejos de todo ser humano e foi citada em quase todos os capítulos do livro de Karnal e Coen (2018). Dentre as passagens, algumas chamam a atenção, como a que Karnal diz ter vindo de uma tradição germânica e religiosa, em que a ideia de disciplina é liberdade: [...] quando disciplinamos o tempo, quando nos organizamos, produzimos liberdade de tempo e eficácia. Nessa lógica, se produzirmos bastante, não sentiremos medo porque teremos resultados. Não teremos medo da prova, porque estudamos muito. Não teremos medo da crise, porque guardamos muito dinheiro [...] (p. 26). Monja Coen, por sua vez, citando santo Agostinho, acredita que a liberdade é poder fazer até mesmo o que não se quer fazer, mas o que se escolhe fazer (p. 39). Outro ponto considerado pelos autores em relação à liberdade foi que, mesmo que os outros, assim como eu, sejam livres para construir a sua essência, isso inevitavelmente gera conflitos que afetam exatamente a liberdade alheia. Há vários caminhos de resposta, CONTANTO QUE se utilize, de forma coerente, o enunciado da questão em articulação com a obra de Karnal e Coen (2018).

7. Após dois meses da tragédia ocorrida na Escola Estadual Professor Raul Brasil, em Suzano (SP), em que ex-alunos invadiram a instituição a tiros, deixando dez mortos e 11 feridos, muito se debateu sobre temas como as possíveis causas de tal episódio de extrema violência e sobre possibilidades de ação após a tragédia. Um dia após o massacre, uma das postagens mais compartilhadas foi a do Padre Fábio de Melo, transcrita a seguir:

“A tragédia de Suzano não só nos entristece. Ela expõe a nossa vulnerabilidade social. Foi o tempo em que só temíamos os bandidos. Hoje, uma dor emocional não curada pode levar um adolescente a se tornar um assassino. A violência é o desdobramento de carências afetivas, da necessidade de ser visto e notado, ainda que da pior maneira. Os distúrbios emocionais nem sempre são percebidos e considerados pelos que formam a nossa ambiência afetiva. Não é incomum encontrar adolescentes reféns de seus traumas e completamente desamparados. Colocar um filho no mundo requer disposição de lidar com ele. Só a proximidade nos faz perceber as necessidades e conflitos do outro. É justamente na construção da intimidade que erramos. Laços familiares se limitam a ser parentesco, o que não quer dizer absolutamente nada. O que nos vincula não é a obrigação, mas o amor. O desamparo emocional alimenta uma desolação silenciosa. A partir dela a pessoa passa a nutrir ódio pelos que estão felizes”.

Disponível em: <<https://rd1.com.br/impactado-padre-fabio-de-melo-desabafa-apos-tragedia-em-suzano/>>. Acesso em: 15 abr. 2019.

Na história recente do Brasil, nunca foi tão necessário insistir em uma cultura de paz. No livro “O inferno somos nós”, Karnal e Coen conversam sobre o comportamento humano, especialmente em relação a assuntos de exclusão social, religiões, política e vida em sociedade. A partir das discussões em torno da obra e considerando a transcrição acima, disserte sobre: como cultivar uma cultura de paz quando vemos tanto ódio à nossa volta?

GABARITO:

Há vários caminhos de resposta, **CONTANTO QUE** se utilize, de forma coerente, o enunciado da questão em articulação com a obra de Karnal e Coen (2018) e com a postagem do Padre Fábio de Melo sobre a tragédia de Suzano. Era importante que o aluno reconhecesse, à sua maneira, que, apesar de vivermos numa sociedade com vozes múltiplas que parecem nunca dialogar, ávidas para julgare atacar o outro – podendo levar até a morte, como foi no caso do episódio na escola citada –, podemos fazer com que as relações humanas sejam permeadas pelo diálogo e pela tolerância, mesmo diante da diversidade de pessoas, de opiniões e de culturas. Na obra em estudo, Leandro Karnal e Monja Coen mostram como o conhecimento de si e do outro é capaz de produzir uma nova atitude na sociedade brasileira. Para exemplificar sua resposta, o aluno poderia citar trechos da obra, tais como: “Uma cultura de paz é uma cultura de tolerância ativa, mas também é, acima de tudo, uma cultura de conhecimento de si” (KARNAL, p. 56); “Se quisermos construir uma cultura de paz, teremos que ensinar nossas crianças a colaborar, a compartilhar o brinquedo, a ajudar aquele colega que tem mais dificuldade em uma matéria na escola” (COEN, p. 69); “Para mim, só existe caminho para uma cultura de paz: o autoconhecimento” (COEN, p. 77); entre outras.